



Mulheres migrantes na literatura contemporânea

Luciane Alves1

O projeto de tese "Mulheres migrantes na literatura contemporânea", orientado pelo Prof. Gerson Neumann, tem como objetivo a análise da representação e da construção da identidade de personagens femininas estrangeiras na literatura contemporânea. Inicialmente o foco de análise são os romances *Americanah*, de Chimamanda Adischie, *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa e *La hija extranjera*, de Najat El Hachmi. As três autoras, assim como suas personagens protagonistas, são originárias de países que não formam parte do bloco cultural dominante (Nigéria, Brasil e Marrocos) e vivenciaram a experiência da migração na Europa e nos Estados Unidos.

A análise de personagens que representam o estrangeiro provindo das margens é um modo de se ter acesso a novas perspectivas, à voz do outro e à tentativa de desconstrução de modelos identitários. Na retomada do direito à fala e do confronto com as histórias criadas sobre si pela cultura dominante, esse sujeito estrangeiro procura tecer a narrativa a partir de seu ponto de vista, com sua linguagem e forma de expressão, marcando a diferença entre lugar de origem e de chegada. O contato com o "outro" é elemento fundamental para a construção da própria identidade, visto que esta se dá pela diferença. É preciso que eu me veja diante do outro para saber quem sou e principalmente, quem não sou. Desta forma, o estrangeiro representa essa busca pelo "eu", procura afirmar-se e entender quem é, o que pode levar a uma espécie de ruptura permanente, pois a busca por "si mesmo" provavelmente não o levará de volta para casa, mas, sim, o deixará eternamente em um entre-lugar.

Segundo Kathryn Woodward (2004, p. 13), "com frequência a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a determinado grupo identitário nas quais a identidade é vista como fixa e imutável". Os sujeitos, então, se veem forçados a buscar uma identificação com padrões preestabelecidos, na tentativa de criar algum laço de pertencimento. Padrões esses que frequentemente negam as diferenças existentes em uma mesma

IX COLÓQUIO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ESCRITA CRIATIVA [DES]LIMIARES DA LINGUAGEM

¹ºDoutoranda na linha de Estudos de Literatura – Teoria, Crítica e Comparatismo do PPGLET-UFRGS. E-mail: lucianesalves@gmail.com.



Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa [Des]limiares da linguagem
Porto Alegre, RS, outubro de 2016
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

comunidade com o objetivo de unificar os indivíduos pertencentes a um grupo em oposição àqueles que não pertencem, pois "a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (exemplo: uniforme, bandeira)" (WOODWARD, 2004, p. 14). Somando-se a isso o fato de analisarmos personagens mulheres, representadas por autoras originadas de países periféricos, é possível perceber de forma mais ampla a complexidade dos padrões de pertencimento e representação, passando-se a níveis muito mais profundos do que é ser "outro".

A mulher, por si só, já é um "outro", estrangeira e estranha em si mesma dentro da tradição do patriarcado. Na formação identitária do feminino há quase sempre uma margem, uma fronteira a ser cruzada na busca de ser e pertencer a uma cultura que muitas vezes relega um lugar marginalizado à mulher. Ao analisarmos a migração de mulheres, é necessário considerar este primeiro nível, a primeira força migratória que parte do lugar marcado pelo gênero.

A escolha de três autoras, mulheres e migrantes, originárias de países que não pertencem ao eixo cultural dominante, também visa à reafirmação da Literatura Comparada como lugar de desconstrução dos modelos canônicos tradicionais, onde possa haver uma ampliação das representações culturais e de lugares de fala nos estudos literários. Além disso, o estudo de obras cujas personagens são mulheres migrantes abarca o intuito primordial deste projeto que pretende estabelecer critérios de análise mais específicos para entender a formação identitária feminina como estrangeira, e possibilitar a aproximação entre os estudos de migração e gênero dentro da Literatura Comparada.

Sobre as autoras e obras

Chimamanda Ngozi Adichie – *Americanah*

Chimamanda Adichie se tornou mais conhecida no Brasil após a repercussão de sua palestra no TED², "Os perigos da história única", de 2009. Nesta fala, Adichie mostra como a manutenção dos estereótipos, as "histórias únicas", nos levam ao desconhecimento de outras realidades, devido a

² Ted é uma organização mundial que promove conversas nas quais a intenção é dividir experiências de transformações do mundo. Seus eventos são promovidos de forma independente. Em sua página web (www.ted.com) estão disponíveis vídeos das palestras, alguns deles com legendas em português brasileiro.



Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa
[Des]limiares da linguagem
Porto Alegre, RS, outubro de 2016
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

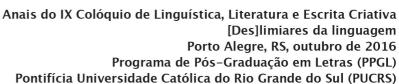
sua incompletude. A autora conta que chegou a ser criticada por um professor que afirmava que seu romance não era "autenticamente africano", por não apresentar personagens famintas, mas pelo contrário, protagonistas que levavam uma vida muito parecida com a da classe média ocidental.

A "história única" diz que todos os africanos morrem de fome, vivem catástrofes e privações. Uma forma de poder na qual a identidade de uma pessoa é criada por outro, que inventa uma história "definitiva" para esse sujeito, da qual é muito difícil se desvencilhar. Segundo Adischie, a consequência da "história única" é que ela rouba a dignidade das pessoas, tornando o reconhecimento da humanidade compartilhada muito difícil, enfatizando diferenças ao invés de semelhanças.

Este tema aparece em seus primeiros romances, *Hibisco Roxo* (2003) e *Meio Sol Amarelo* (2006), mas é em *Americanah* (2013) que a questão do estereótipo é apresentada de forma mais profunda. O romance conta a história de Ifemelu, adolescente nigeriana que vai cursar a universidade nos Estados Unidos. Durante os 13 anos de estada no país americano, diversas situações colocam a personagem em confronto com a busca de pertencimento, seu lugar de estrangeira, de mulher e de africana.

Antes de ir aos Estados Unidos, Ifemelu, assim como seus colegas africanos, não tinha noção do que significava ser "negro". É nos Estados Unidos que a questão racial passa a ser uma preocupação para a protagonista, passa a existir de fato, como algo pessoal. Da mesma forma as "histórias únicas" sobre a África e os africanos ocasionam um confronto entre a vivência individual e o estereótipo criado pela cultura ocidental: "Eles contavam, brincando, o que os americanos lhes falavam: Você fala inglês tão bem. Tem muita aids no seu país? É tão triste que as pessoas vivam com menos de um dólar por dia na África." (2014, 152). É somente com os outros alunos estrangeiros que há uma tentativa de identificação. Neste espaço todos ocupam um lugar de não-pertencimento, há uma cumplicidade silenciosa, que não exige explicações.

No entanto, o grupo de não-americanos não apresenta sempre a mesma configuração. No salão de beleza onde Ifemelu vai fazer suas tranças antes de voltar para a Nigéria, a fragmentação do "ser africano" reaparece através das personagens das cabeleireiras, cada qual de um país diferente, que lembram a Ifemelu também as diferenças étnicas existentes dentro da Nigéria. Uma





vez mais a personagem é colocada em um lugar de pertencimento fluido, instável, que depende do ponto de referencia.

Há, ainda, o blog mantido pela personagem, que mostra uma análise sobre a postura dos negros americanos e da sociedade em relação a eles. Destaca-se, assim, outro elemento importante da configuração identitária da protagonista. Existem os afro-americanos e os africanos americanos, aqueles que migraram. A fragmentação e as nuances existentes em cada grupo levam o sujeito, mais uma vez, a um não-lugar na procura do pertencimento e na posição de quem pode ou não falar. Em certa passagem, a cunhada afro-americana de Ifemelu comenta:

"Sabe por que Ifemelu pode escrever aquele blog, aliás?" disse Shan. "Porque ela é africana. Está escrevendo do lado de fora. Na realidade, ela não sofre tudo aquilo sobre o que está escrevendo. São coisas excêntricas, curiosas para ela. Então pode escrever sobre isso, receber todos esses elogios e ser chamada para dar palestras. Se fosse afro-americana, ia ser considerada uma pessoa cheia de raiva e condenada ao ostracismo. (ADICHIE, 2014, p. 365)

A volta para a Nigéria passa a ser o sonho idílico, o desejo de encontrar-se, de pertencer. No entanto, a busca pela origem também se vê frustrada; aquele que vai não volta o mesmo e nem ao mesmo lugar: "Assim, Ifemelu teve a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar. Será que sempre tinha sido daquele jeito ou tinha mudado tanto em sua ausência? (2014, p 415)". Ifemelu passa a ser uma *americanah*, expressão que dá nome ao romance e se refere justamente ao caráter híbrido daqueles que retornam do estrangeiro. A mudança de pronúncia marca a perda da origem e a condição de sujeito fronteiriço. Em seu país, ela também é um "outro", uma estrangeira, o "próprio traidor traído" como define Kristeva (1994, p. 16).

Najat El Hachmi – *La hija extranjera*³

Najat El Hachmi nasceu no Marrocos e migrou com a família para a comunidade autônoma da Catalunha, Espanha, aos 8 anos. Em 2004 publicou o ensaio *Jo tambè soc catalana* onde aborda o tema dos imigrantes na região e, principalmente, o pertencimento e o lugar de "eterno estrangeiro" delegado aos imigrantes. Embora ainda pouco conhecida no Brasil, a escritora tem

^{3&}lt;sup>o</sup>O título original em catalão é *La filla estrangera*, ainda sem edição traduzida ao português.



Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa [Des]limiares da linguagem
Porto Alegre, RS, outubro de 2016
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

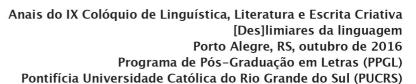
conquistado prêmios e elogios da crítica europeia desde seu primeiro romance *L'últim patriarca* (2008), pelo qual recebeu o premio Ramon Llull, o mais importante das letras catalãs. Toda sua obra está publicada em catalão, e a própria escritora comentou em entrevistas, que seria impossível fazêlo diferente, pois esse é o idioma em que pensa, sente e se expressa melhor.

Assim como na obra de Chimamanda Adichie, os textos de Najat El Hachmi apresentam muitos aspectos biográficos e, principalmente, a visão estereotipada com que são vistos os estrangeiros/imigrantes nos países ocidentais. *La hija extranjera* narra, em primeira pessoa, a história de uma jovem marroquina que migrou com a mãe para o interior da Catalunha em busca do pai que as abandonara. Não sabemos seu nome, o que marca um aspecto importante da falta de identificações da personagem. De certa forma, o enredo nos leva a perceber que ela, em nível subjetivo, não sabe quem é. Dos 18 para 19 anos, se vê forçada a escolher entre seguir os costumes de sua cultura de origem ou procurar novos caminhos na Espanha. Ao aceitar casar-se com o primo marroquino, que mal conhece, suas perspectivas individuais são sufocadas em uma tentativa de aliviar o sofrimento e as preocupações que marcam a existência de sua mãe.

A figura da mãe marca um elemento muito importante na elaboração do pertencimento. Ela é a personificação da origem, das raízes e da cultura natal, pois não se integra à cultura do novo país. De volta ao Marrocos, a protagonista não identifica aquele como seu local, passando a ser a terra e a língua da mãe. A falta de pertencimento e referências relacionadas com esse território, inclusive, leva a um excessivo apego à figura materna, último lugar de marcação de uma origem, uma ilusão de unidade.

O lugar híbrido do sujeito migrante é profundamente representado nesta obra, principalmente no que se refere à linguagem. A tradução é destacada em diversas passagens, em que a protagonista se debate entre a "língua do seu pensamento" (o catalão) e a língua da mãe (um dialeto do árabe):

De repente, este desajuste léxico, tan insignificante, tan banal, me ha hecho recordar cuán lejos estoy de ella, de su mundo, de su manera de ver y entender las cosas. Por más que traduzca, por más que intente verter las palabras de una lengua a otra, nunca lo conseguiré, siempre habrá diferencias. Pese a ello, traducir continúa siendo una distracción dulce, una forma tangible al menos, de desear llevar a cabo este acercamiento de nuestras realidades, que me ha sido útil desde que vinimos aquí. (EL HACHMI, 2015, p 10)





A consciência do não-lugar ocupado por ela leva a um sentimento de frustração e incapacidade de ser compreendida. Sua expressão de linguagem não é a da suposta origem e está longe de ser a do local onde se encontra. A identidade fronteiriça, que marca inclusive o espaço íntimo, mostra a solidão provinda da falta de pertencimento:

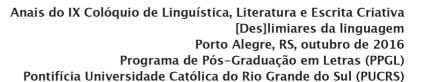
Solo con alguien que fuese como yo, alguien que también tuviera una madre como la mía y hubiese aprendido esta lengua que nos es extranjera y la hubiera interiorizado, como yo, hasta el punto de que se hubiera convertido en la lengua principal de sus pensamientos, solo con alguien así podría hablar como yo me hablo a veces, mezclando las dos lenguas. (EL HACHMI, 2015, p 16)

A obra também propicia a discussão dos elementos culturais em um nível mais cotidiano, mais íntimo, no qual a personagem ao decidir seguir a tradição familiar, evidencia o lugar que cabe à sua cultura dentro do cenário europeu, no qual é "apenas mais uma marroquina". A exclusão do árabe, o racismo, a falta de melhores oportunidades e a marcação de estranheza, mostra que, apesar do tempo, não acontece a verdadeira incorporação do imigrante ao meio cultural: "Aunque, bien pensado, en esta ciudad es poco probable que una marroquí pase desapercibida, porque su sola presencia, con la cabeza cubierta y los ropajes largos, ya llama la atención de quienes han vivido aquí toda la vida y no entienden esta repentina presencia de forasteros." (2015, p.96)

Adriana Lisboa - Azul Corvo

Adriana Lisboa tem se destacado no cenário da literatura contemporânea brasileira pela apresentação de personagens cujas identidades são muito fluidas, com vivências marcadas por diferentes tipos de deslocamento. Em suas biografías frequentemente é destacado o fato de ela ter vivido na França e atualmente dividir-se entre os EUA e o Brasil, experiências que de fato marcam sua escrita.

Azul corvo, publicado em 2010, entre os três romances escolhidos para o projeto é, talvez, aquele em que a migração é descrita de forma mais suave e no qual o processo de pertencimento está mais relacionado aos aspectos emocionais do que aos territoriais. Nesta obra conhecemos a história de Evangelina, Vanja, uma mulher jovem que narra os acontecimentos do início de sua adolescência, quando após a morte da mãe, Susana, se muda do Rio de Janeiro para o Colorado





(EUA) para viver com Fernando, um ex-guerrilheiro que havia sido marido de Susana alguns anos antes.

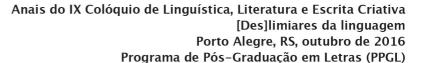
A vida de Vanja é, desde o inicio, marcada por diversos tipos de deslocamento. Nasce nos EUA e ainda criança volta com a mãe para o RJ, sem conhecer o pai biológico. Em sua certidão de nascimento consta o nome de Fernando, o ex-marido que apenas registra a filha de Susana. Com a morte da mãe vive algum tempo com a irmã dela, uma tia adotiva, em uma configuração familiar híbrida e deslocada: "Curioso como as pessoas centrais da minha vida eram agora todas periféricas. A tia de criação. O ex-marido da minha mãe." (2014, p 52).

A identidade de Vanja se forma desde sempre pela marcação de um entre-lugar, assim como a de sua mãe, também imigrante. Como em *La hija extranjera*, a figura da mãe tem uma marcação simbólica de casa e memória, mas uma casa periférica, deslocada e híbrida, um ser em movimento que perpassa todo o cotidiano, com a ausência presente que liga as vidas de Fernando e Vanja e dos dois com o próprio território. A ideia de pertencimento passa a estar justamente na inserção de dois conjuntos, como cita a narradora, em que se "pertence aos dois, mas não pertence exatamente a nenhum deles. Você passa a ter uma memória sempre velha, sempre ultrapassada de casa" (2014, p. 58).

Nos EUA, a aproximação com outros estrangeiros também propicia um lugar de acolhimento, assim como acontece com Ifemelu em *Americanah*. O lugar de não-pertencimento se torna um tipo de zona franca, onde há um elo e uma configuração familiar, na qual o excesso de diferenças traz um novo tipo de referência identitária: "éramos tão diferentes uns dos outros que as diferenças se anulavam, éramos uma grande uniformidade multiforme." (2014, p. 169)

Objetivos iniciais

Com a aproximação entre as três diferentes autoras e obras, se espera ampliar a pesquisa sobre a formação identitária do imigrante e do estrangeiro na literatura, através de uma síntese teórica sobre o tema, analisar como é construída e representada a identidade da mulher como migrante na literatura, e como isso acontece especificamente em uma escrita feminina diaspórica,



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

além de estudar o processo migratório relacionado aos estudos de gênero como rearticulação do cânone literário.

Como referencial teórico, esta pesquisa parte dos estudos realizados anteriormente durante o período de mestrado, na linha de Estudos Culturais. Pretende-se dar continuidade à analise dos processos de formação identitária, dos estereótipos e do pertencimento e aprofundar e conhecer estudos relacionados ao tema específico da figura do estrangeiro e da migração.

Para pensar a identidade, inicialmente, parto da bibliografia básica sobre o tema: os estudos de Stuart Hall (*Identidade cultural na pós-modernidade* e *Da diáspora*), a síntese de Katrin Woodward (no ensaio *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*), Benedict Andersen (*Comunidades Imaginadas*) e Julia Kristeva (*Estrangeiros para nós mesmos*). Também nortearão a pesquisa, as obras de Edward Said (principalmente *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*; *Cultura e Imperialismo, Reflexões sobre o exílio*) e Marc Augé (*Nãolugares*).

Além destes, um dos principais intuitos deste projeto é ampliar o conhecimento teórico de obras que tratem especificamente do tema do estrangeiro e da migração. Portanto, tenho em vista a pesquisa de outros autores, ainda não estudados ou pouco explorados em minhas pesquisas anteriores, como Walter Mignolo, Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, e Ottmar Ette, que perpassam os diferentes temas a serem abordados durante o doutorado.

Referências

Referências literárias

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

EL HACHMI, Najat. *La hija extranjera* [recurso digital]. Trad. Rosa Maria Prats. Barcelona: Planeta, 2015.

LISBOA, Adriana. Azul Corvo [recurso digital]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.



Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa [Des]limiares da linguagem Porto Alegre, RS, outubro de 2016 Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Referências teóricas iniciais

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript? language=pt-br>. Acesso em: 25 mar. 2016.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas:* reflexiones sobre el origen y difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Trad. Clarisse Meireles e Leneide Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHEN, Kuan-Hsing. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003. p. 407-433.

COUTINHO, Eduardo. Literatura Comparada, literaturas nacionais e questionamento do cânone. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 3, p. 67-73, 1996.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003.

. Identidade cultural na pós-modernidade. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. (Org.) Identidade e diferença: a
perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.

IANNI, Octavio. A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAID, Edward W. *Orientalismo:* o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença:* a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.